

SENTIMENTOS E RESENTIMENTOS DE EVA UMA MULHER DE VIDA LIVRE

Alessandra Ruita Santos Czapski 1

Resenha

Nessa obra, Parente nos envolve em uma narrativa prazerosa em que podemos conhecer uma história velada, que aos olhos da sociedade portuense de 1970 era desprezada e desmerecida. Dessa maneira, o texto traz a tona a história de vida de Eva “mulher de vida livre”, com intuito de desvelar e fazer emergir histórias de vida opostas às das famílias tradicionais de Porto Nacional. Segundo a autora, a escolha por utilizar a história de vida foi a opção acertada, uma vez que, possibilita adentrar para além das histórias individuais e pessoais de Eva, e, refazer a história dessa cidade em uma versão nunca antes vislumbrada, e incluir na história da cidade em questão, pessoas nunca antes valorizadas na sociedade daquela época.

Já no início do texto, é possível perceber a personalidade marcante que Eva quis demonstrar para a pesquisadora autora desse texto, explicou que era “livre” e que não dava satisfações a ninguém, percebe-se a postura imperativa que Eva imprimiu nessa etapa da narrativa, e que a partir desse início estabeleceu até mesmo a forma como queria ser vista e descrita nessa história. Em relação a isso Parente nos ensina que, é preciso não desconsiderar o universo do pesquisado, se destituir dos estereótipos e se instruir sobre os sistemas de valores e realidades do pesquisado, a fim de não criar barreiras que inviabilize a realização da pesquisa.

Em seu texto, Parente (2006) faz uma retrospectiva histórica da cidade de Porto Nacional da década de 1970, retratando a importância dessa cidade para o crescimento da região e seu destaque como um polo de cultura. Apresenta ainda, como a cidade cresceu sob influência da igreja católica e a égide da ordem dominicana que se instalou no local. Outros aspectos relevantes para a história desse texto que a autora descreve são: a construção da ponte que ligou Porto Nacional a rodovia Belém Brasília, bem como a construção da usina IzamuYkeda, fatos determinantes para a chegada de “mulheres de vida livre”, que se dirigem a região a procura dos homens trabalhadores da construção civil desses empreendimentos.

A influência da educação dominicana segundo Parente, atribuiu a cidade um caráter extremamente rígido, conservador e hierárquico. Nesse sentido, foi possível perceber pela descrição dos costumes sociais locais que, “mulheres de vida livre” como Eva, jamais seriam bem vindas ou poderiam frequentar locais públicos sem enfrentar olhares acusadores ou hostilidades.

Em contradição a essa cidade cheia de reservas e códigos de condutas sociais hierarquizados, Parente nos descreve onde ficavam instaladas as “casas de mulheres”, ou seja, onde moravam e trabalhavam as mulheres de vida livre, com isso, a autora ultrapassa os limites da cidade hierarquizada socialmente e adentra no mundo barulhento, de

1- Graduada em Serviço Social (pela Ulbra-TO) Especialista em Administração e Projetos Sociais (UNIGRANRIO) Mestre em Serviço Social (PUC-GO) Doutoranda em Desenvolvimento Regional (UFT-TO). Professora da Universidade Estadual do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1441323064488073>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3090-2908>
E-mail: alessandra.rs@unitins.br

conflitos e de comportamentos considerados inadequados, feito que só foi possível, por meio do método da história oral.

Esse método derruba esses muros de silêncio e invisibilidade estabelecidos com a rigidez social, e faz reverberar a narrativa dos indivíduos ausentes nas histórias oficiais. Segundo Parente (2006), o método permite considerar as experiências individuais e pessoais do pesquisado, e sua relação com a história do contexto da sociedade em que se encontra inserido. De uma forma extremamente marcante, a autora aponta que as narrativas de Eva mostram que: “conta não apenas o que fez, mas o que gostaria de ter feito, o que acredita estar fazendo e o que agora pensa que fez” (Parente, 2006, p. 300).

A autora aborda outra perspectiva interessante para ser compreendida no método da história oral, é a relação intrínseca que se desenvolve a partir das narrativas da fonte oral e a escrita do pesquisador. Demonstra a responsabilidade que o pesquisador/historiador/escritor tem em estruturar um texto, de maneira que o leitor identifique de forma clara as origens, a inserção social, a classe social e as performances que dão forma às narrativas das fontes orais.

Na história narrada por Eva, a autora consegue costurar de forma inteligente, a narrativa, o lugar que Eva ocupava na sociedade de Porto, sua origem, e o que sua performance quis transparecer que ela era: uma mulher autônoma, desejada, brava e temida em certos momentos. Porém, as narrativas também transparecem os medos, anseios e angústias enfrentados por Eva, e os entraves provocados pelos moradores de Porto Nacional, no sentido de invisibilizar e expelir para os contornos da cidade as “mulheres da vida livre”.

O texto também nos faz compreender, que o método permitiu revelar as memórias e opinião de Eva sobre as mudanças das pessoas em relação ao tratamento dispensado a ela na atualidade. Determinada narrativa de Eva¹ evidencia que, na atualidade as “filhas de boas famílias” frequentam sua casa em momentos de oração. Por outro lado, as narrativas também trazem à tona as mágoas que foram causadas a ela em diversos momentos, principalmente quando enfrentavam a sociedade portuense e insistiam em se misturar em comemorações religiosas e tradicionais da cidade.

Esses momentos de mágoas apontados pela autora são percebidos na leitura do silêncio, esse é outro elemento que deve ser entendido e interpretado pelo pesquisado. Segundo a autora, o não dito está implícito na narrativa e merece ser considerado, e no caso de Eva, demonstrou o surgimento da tomada de consciência das humilhações sofridas pelas mulheres de vida livre em distintos momentos na cidade de Porto.

Nesse texto Parente demonstra também, que a fonte oral deixa transparecer a barreira socialmente construída entre as “pessoas de bem” e as mulheres de vida livre, no momento em que ela se refere a Porto Nacional como a “cidade deles”, e aponta a diferença entre esse espaço, e os ocupados pelas mulheres de vida livre. Foi possível também perceber o medo que Eva demonstra quando abordada por pessoas da “cidade deles”. A autora nos alerta para o fato de que, Eva somente possa ter tomado consciência e clareza dos significados de muitos de seus sentimentos, bem como, dos acontecimentos ocorridos com ela na década de 70 em relação a sua interação com os moradores da cidade, durante as entrevistas realizadas na atualidade.

Quando dissemos que esse texto é de fundamental importância para a discussão e aprendizado da prática da história oral, é porque ele esmiúça de forma rica todos os elementos da narrativa de Eva, transferindo para a escrita aspectos não implícitos na fala da fonte oral. Por meio da apreensão da autora de toda a narrativa, e ainda, de sua sagacidade na interpretação das experiências pessoais e subjetividade de Eva, foi possível de forma instigante entender o cotidiano e a vida não só de Eva, mas de outros atores sociais que compunham o cenário de Porto Nacional na década de 70.

Diante tudo o exposto, nunca fica desmerecido mais uma vez ressaltar a importância

¹ De acordo Parente (2016), Eva Garcia foi uma prostituta que ou como gostava de ser chamada uma “mulher de vida livre”, moradora da cidade de Porto Nacional, cidade colonial e tradicional do Estado do Tocantins intitulada de berço da cultura do antigo norte Goiano.

do método da história oral para a visibilidade do protagonismo dos sujeitos, suas opiniões, suas experiências, suas vivências e principalmente a contribuição em significar e ressignificar suas histórias.

Referências

PARENTE, Temis Gomes. **Sentimentos e Ressentimentos de Eva uma mulher de vida livre**. História e Sensibilidade. Marina HaizenrederErtzogue; Temis Parente Gomes et alii. Brasília: Paralelo15, 2006.

Recebido em 10 de fevereiro de 2020.

Aceito em 2 de junho de 2020.